

Resenha**Comunicación, Cultura y Violencia**

(GARCÍA, Marta Rizo; ALDAYA, Vivian Romeu [Coords.]. Bellaterra: Institut de La Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2013. Disponível em: <<http://htl.li/kyFpB>>)

Tássio José Ponce de Leon AGUIAR¹

Apresentar um olhar distinto sobre a violência nos estudos em comunicação: esse é o objetivo a que se propõem as autoras mexicanas Marta Rizo García e Vivian Romeu Aldaya, coordenadoras do recente *Comunicación, Cultura y Violencia*, e-book disponível gratuitamente na Internet. Dividida em oito capítulos, com textos de oito diferentes pesquisadores, a obra – em Língua Espanhola – não descarta as perspectivas atuais do cenário acadêmico, as quais, segundo as autoras, abordam, sobretudo, a representação da violência na mídia de massa e seus efeitos nas audiências. Entretanto, elas frisam a importância de expandir os estudos desde a esfera microssocial, até seus reflexos na vida em sociedade, levando em consideração não só a violência de fato – física e sanguinária –, mas seus efeitos simbólicos igualmente presentes.

É nesse sentido que o primeiro capítulo – intitulado *Comunicación interpersonal e 'incomunicación'*. *Uma aproximación a las gramáticas de la desconfianza* – abre as discussões tratando a violência do ponto de vista do mero ato comunicativo. O artigo, que é escrito por uma das coordenadoras, Vivian Romeu Aldaya, mostra que a violência nasce do que ela denomina de “incomunicação”. O conceito não estaria relacionado a uma “não-comunicação”, mas a uma forma comunicativa que não obteve sucesso, fazendo com que o entendimento não se concretize. Esses mal entendidos estariam diretamente relacionados a uma palavra-chave do capítulo: a desconfiança.

Por ser frio, inóspito, sem proteção e localizado na obscuridade, Aldaya explica que esse sentimento faz com que as relações intersubjetivas deixem de haver, tendo em vista que a identificação e o reconhecimento dos interlocutores como semelhantes já não existe. O contato interpessoal passa a ser baseado numa espécie de luta contra o outro, agora visto como ameaça, uma vez que suas intenções seriam, *a priori*, desconhecidas. Isso constitui, para a autora, a primeira forma de violência, ou seja, a violência contra a

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: tassioponce@gmail.com.

comunicação entre dois interlocutores, a qual pode chegar ao nível interacional, através da violência de fato.

O segundo capítulo, nomeado *Comunicación, intersubjetividad y violencia. Algunas reflexiones em torno a la debilitación de las relaciones comunicativas em entornos violentos*, tem como autora a outra coordenadora do livro, Marta Rizo García. Aqui, ela amplia o debate para a esfera social, propondo inicialmente uma reflexão sobre como nos comportamos diante de tantas imagens naturalizadas de violência, presentes no cotidiano de sociedades como a mexicana. Não obstante, ela explica que o fenômeno é multidimensional e não só aparece quando da materialidade dos fatos violentos, mas está presente também de forma simbólica.

Sobre esse último aspecto, a autora traz à tona conceitos levantados por Pierre Bourdier, que classifica a violência simbólica como aquela capaz de arrancar submissões que sequer existiam, apoiando-se em expectativas coletivas naturais, onde o sujeito dominado se sente obrigado a fazê-lo. Isso seria exatamente uma das consequências da naturalização das formas de violência, que teriam, segundo ela, os meios de comunicação como seus grandes transmissores, gerando dois efeitos principais: o da imunidade, em que as pessoas não acreditam que possam ser vítimas; e o da atenuação, quando, por serem tão comuns, os fatos violentos já não provocam debates públicos.

É nesse sentido que ela passa à fase final do artigo, explicando que, por estar baseada na geração de medos, na incerteza e na desesperança, a violência se manifesta nas relações interpessoais, contribuindo para a dissolução do vínculo social. García conclui o pensamento alertando para o fato de que a existência de um triângulo composto pela comunicação, pela emoção e pela violência faz com que, muitas vezes, a compreensão e o entendimento sejam substituídos pela imposição e, conforme ressalta, pelo silêncio.

A terceira parte de *Comunicación, Cultura y Violencia* é a mais densa entre os capítulos iniciais. Em *Violencia simbólica e interculturalidad*, de Cristina Gómez Moragas, a autora vai mergulhar em um longo percurso teórico para explicar como a violência simbólica afeta a vida em sociedade a partir de duas perspectivas: a microsossial, através dos processos de subjetivação dos indivíduos; e a macrossocial, para mostrar como esse conceito impede a relação harmoniosa entre diferentes culturas.

Para tal, ela descreve a Teoria da Violência Simbólica de Bourdier, que, entre outros pontos, vai discutir a existência do “arbitrário cultural”. Através dele, instituições ou agentes impõem e legitimam conhecimentos e culturas e, ao mesmo tempo, excluem e rejeitam o que se distancia do pensamento dominante.

Nesse sentido, a autora indica que a violência existe com a cumplicidade social, atuando na mente e no corpo, através de um poder arbitrário. De um lado, há a luta de classes (capital econômico) e, de outro, a simbólica, através da produção e distribuição de bens culturais (capital cultural).

O quarto capítulo – *Arte y violencia: apuntes en torno a una estética de lo peor y sus derivas en el arte activismo*, de Cynthia Pech Salvador – tem uma leitura muito mais leve que o anterior, porém peca na descrição excessiva de fenômenos específicos locais, para tratar do assunto a que se propõe, isto é, a arte como forma de ativismo capaz de incentivar a cidadania. A autora, por outro lado, demonstra um apurado de fatos mexicanos históricos, que demonstram que a arte foi responsável pela criação de padrões de comportamento, incluindo o machismo, que provocou mais tarde o aumento no número de casos de mulheres que sofreram violência. Tudo sob a influência de uma “estética do pior”, onde o sangue e as imagens estarrecedoras ganham destaque.

No sentido contrário, a autora ressalta o trabalho dos coletivos de arte, criadores de derivações artísticas com fins libertadores. Segundo Salvador, a arte como mediação comunicativa é capaz de ter esse viés, por isso cita diversas artistas que utilizaram essa mesma violência no sentido de remover seu caráter banal e contestar a violência sistêmica e simbólica.

A partir do quinto capítulo do livro – *Violencia y ficción en México*, de Jerónimo Repoll –, o foco dos estudos sobre violência, cultura e comunicação passam a se deter, sobretudo, sobre a realidade mexicana. Embora ofereçam um panorama que, por vezes, reproduz-se também no Brasil, a leitura interessa muito mais aos pesquisadores daquele país. De qualquer forma, o capítulo descreve a situação de verdadeira guerra ao tráfico espalhada em diversas cidades, provocada, de maneira geral, pelo ex-presidente Felipe Calderón Hinojosa, cujo mandato se encerrou em 2012.

Dentro desse contexto, Repoll descreve números da violência nacional e fala da existência de reflexos claros no modo de vida mexicano, a exemplo da criação de inúmeras peças de ficção televisiva, cujo enfoque é o tráfico de drogas. Ao final, resume

a televisão como janela da realidade social, mas alerta para a naturalização provocada por essas intensas abordagens, o que já faz com que, para que vire notícia, um fato deva ter características aberrantes.

No sexto capítulo, *Apariencias, pliegues y mecanismos en la información pública sobre inseguridad y violencia en México*, de Tanius Karam Cárdenas, o foco é igualmente na realidade mexicana, tratando de diversos exemplos nacionais que reforçam a naturalização da insegurança no país. No sentido oposto, o autor soa mais como um admirador ao descrever o trabalho de M. A. Granados Chapa, morto em 2011. São tecidos inúmeros elogios a ele, que, segundo o autor do artigo, foi o responsável pela realização de um contraponto na imprensa mexicana, oferecendo, através de seus textos, clareza, ética, memória, cuidado e linguagem, características que seriam essenciais para sair do que ele denomina o atual “*ethos mexicano*”.

No sétimo capítulo, *Las industrias electrónicas de difusión colectiva y el monopolio de la violencia simbólica*, de Javier Esteinou Madrid, o autor também se debruça sobre o México e faz o maior percurso histórico de todo o livro, relatando a consolidação do Estado mexicano. Tudo para revelar uma característica específica desse processo: o uso da violência física e simbólica para governar. Ele conclui que as indústrias culturais eletrônicas acabam virando um aparato do Estado, que, por esse motivo, torna-se híbrido.

O último capítulo, intitulado *Propuesta metodológica para el análisis periodístico de la construcción discursiva de políticas y programas de salud sexual y reproductiva y de la desigualdad y exclusión que se genera a partir de su implementación y ejecución*, de Adriana Peimbert Reyes, propõe, conforme seu título indica, um modelo metodológico para uma pesquisa específica. Entretanto, mesmo servindo como sugestão de percursos para estudos futuros, o artigo está distante das demais temáticas abordadas nos outros capítulos.

Embora *Comunicación, Cultura y Violencia* seja uma obra em espanhol, organizada por autoras mexicanas, faz-se clara sua importância para os pesquisadores brasileiros, no sentido de que traz à discussão perspectivas frequentemente ignoradas pela maioria dos estudos sobre o tema. Os primeiros capítulos são incontestáveis quanto a sua contribuição com o campo da comunicação, uma vez que abordam conceitos com fortes bases teórico-metodológicas e sinalizam novos caminhos no interior da pesquisa

em comunicação. No entanto, a partir do quinto capítulo, a leitura perde um pouco de seu dinamismo e torna-se, por vezes, dispensável, por concentrar suas atenções no México e estruturar o texto de forma exaustiva e pouco didática. Ainda assim, a obra é bastante válida a todos os pesquisadores que se debruçam sobre o fenômeno da comunicação, seus reflexos e representações na mídia e na sociedade.